

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Letras  
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Linguagem, Tecnologia e Ensino.

Cleomar Poletto

**PRECONCEITO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:**  
**Projeto de ensino a partir de variações linguísticas em contos orais do Vale do**  
**Jequitinhonha - MG**

**Belo Horizonte**

**2022**

Cleomar Poletto

**PRECONCEITO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:  
Projeto de ensino a partir de variações linguísticas em contos orais do Vale do  
Jequitinhonha - MG**

Monografia de especialização apresentada à  
Faculdade de Letras, Universidade Federal de  
Minas Gerais, como requisito parcial à  
obtebção do título de Especialista em Estudos  
Linguísticos

Orientadora: Luciana de Oliveira Silva

Belo Horizonte

2022



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras  
Curso de Especialização em Linguagens, Tecnologias e Educação

#### ATA DA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Nome do aluno: Cleomar Poletto**

**Título do trabalho: PRECONCEITO E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: PROJETO DE ENSINO A PARTIR DE VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS EM CONTOS ORAIS DO VALE DO JEQUITINHONHA - MG**

Reuniu-se, no dia 23 de janeiro de 2023, às 08 horas, de forma remota, a Comissão Examinadora indicada pela coordenação do Curso de Especialização em Linguagens, Tecnologias e Educação para julgar, em exame final, os trabalhos de conclusão de curso, requisito final para obtenção do Grau de Especialista em Linguagens, Tecnologias e Educação. Abrindo a sessão, os professores da banca, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passaram a palavra ao(à) candidato(a) para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do(a) candidato(a). Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Proposta relevante, com parte teórica bem fundamentada, no entanto, a proposta prática precisa partir da experiência observada pelos estudantes para produzirem suas próprias categorias em vez de utilizarem as categorias da gramática normativa. Considerar outras sugestões realizadas na defesa pela comissão. A comissão também sugere a publicação e o compartilhamento da proposta para professores.

Profª. Carolina Moura indicou a aprovação do candidato;  
Prof. Francis Arthuso Paiva indicou a aprovação do candidato;

Pelas indicações, o candidato foi considerado aprovado.

O resultado final foi comunicado publicamente ao(à) candidato(a) pela Comissão. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 23 de janeiro de 2023.



Documento assinado digitalmente  
FRANCIS ARTHUSO PAIVA  
Data: 18/01/2023 17:07:43-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>



Documento assinado digitalmente  
CAROLINA BOTTOSSO DE MOURA  
Data: 23/01/2023 07:39:32-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

“Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua” (BAGNO, 2008, p.20).

|

## **RESUMO:**

O projeto ora apresentado irá desenvolver procedimentos e processos que objetivam colocar alunos e professores em contato investigativo com a temática da variação linguística numa perspectiva empírica, no qual a experiência e observação serão bases para comprovação e aferição da teoria de William Labov, segundo o qual existe dentro dos processos de variação uma heterogeneidade, contudo ordenada. Assim, de acordo com a visão variacionista Laboviana, a língua agrega possibilidades inerentes de variação, contudo possível de estruturação de acordo com a competência dos falantes. O fenômeno a ser observado (variação linguística) encontra-se num corpúsculo de narrativas orais gravadas pelo Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um ponto. Para facilitar os processos, as narrativas transcritas se encontram respectivamente nos anexos 01, 02 e 03 do texto e os contos em formato de áudio MP3 estão referenciados em links que poderão ser acessados por meio de tecnologias móveis. O projeto desenvolve-se em etapas que irão se sobrepondo até chegar num produto final onde alunos e professores poderão partir do campo da observação para chegar a um produto final em que ocorrerá a descrição do fenômeno variação linguística. Tais etapas, acredita-se, colocará alunos e professores num caminho de construção de conhecimento, onde parte-se da observação para posterior aferição de hipóteses com múltiplas possibilidades de descrição da variação linguística.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Ensino. Linguagem.

## **SUMMARY:**

The project presented here will develop procedures and processes that aim to put students and teachers in investigative contact with the theme of linguistic variation from an empirical perspective, in which experience and observation will be the basis for proving and measuring William Labov's theory, according to which there is within the processes of variation a heterogeneity, however ordered. According to the Labovian variationist view, the language aggregates inherent possibilities of variation, however possible of structuring according to the competence of the speakers.

The phenomenon to be observed (linguistic variation) is found in a corpus of oral narratives recorded by the Project Who Tells a Tale Increases a Point. To facilitate the processes, the transcribed narratives are found respectively in annexes 01, 02 and 03 of the text and the stories in MP3 audio format are referenced in links that can be accessed through mobile technologies.

The project is developed in stages that will overlap until reaching a final product where students and teachers will be able to depart from the field of observation to reach a final product in which the linguistic variation phenomenon will be described. Such steps, it is believed, will put students and teachers on a path of building knowledge, where one starts from observation for later verification of hypotheses with multiple possibilities for describing linguistic variation.

**Keywords:** Linguistic variation. Teaching. Language.

## **LISTA DE ANEXOS:**

- **Anexo 01:** 37
- **Anexo 02:** 39
- **Anexo 03:** 43

<b>1) INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2) JUSTIFICATIVA</b>	<b>12</b>
<b>2.1) PROPOSTA DO PROJETO DE ENSINO: CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<b>14</b>
2.1.2) Sociolinguística – referencial teórico	17
<b>3) NATUREZA DO PROJETO:</b>	<b>18</b>
3.1 Público Alvo	18
3.1.2) Objetivos de ensino	19
3.1.3 Objetivos de Aprendizagem	19
3.1.4 Ferramentas Necessárias para o Projeto	20
3.1.5) Implementação:	20
<b>4.) AVALIAÇÃO SEGUNDO ABORDAGEM HISTÓRICO-CRÍTICA:</b>	<b>21</b>
<b>5) MANUAL DO PROFESSOR:</b>	<b>24</b>
<b>6) CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>7) REFERÊNCIAS</b>	<b>46</b>



## 1) INTRODUÇÃO

“Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua” (BAGNO, 2008, p.20).

As escolas, instituições e os sistemas de ensino tomam a gramática normativa como padrão para o ensino da língua portuguesa. Com suas regras rígidas e estruturas fixas rejeitam e de certa forma até desprezam fenômenos de variação linguística à medida que são tipificados no ensino como erros, desvios à norma padrão.

Bagno (2008), metaforicamente, compara a gramática normativa a um brejo, a um terreno alagadiço à margem de um rio caudaloso, largo e longo que é o fenômeno da variação linguística, genuinamente que se dá num contexto de fala, comunicação.

Castilho (2001) considera que se o ensino da língua portuguesa partisse da língua falada teríamos em consequência melhor aquisição da língua escrita. Para Silva (2002) os desafios que se encontram em falar de variação linguística se dão em função da visão imposta pela gramática normativa.

Na esteira de Bagno (2008), Castilho (2001) e Silva (2002) acredita-se que se faz necessário pensar processos de ensino e aprendizagem que unifiquem e contemplem a variação linguística, para que estudantes, escolas, instituições e sistemas de ensino entendam e valorizem as particularidades da língua falada que é objeto do presente projeto de ensino.

O projeto ora apresentado irá desenvolver procedimentos e processos que objetivam colocar alunos e professores em contato investigativo com a temática da variação linguística numa perspectiva empírica, no qual a experiência e observação serão bases para comprovação e aferição da teoria de William Labov, segundo o qual existe dentro dos processos de variação uma heterogeneidade, contudo ordenada. Assim, de acordo com a visão variacionista Laboviana, a língua agrega possibilidades inerentes de variação, contudo possível de estruturação de acordo com a competência dos falantes.

O fenômeno a ser observado (variação linguística) encontra-se num corpus de narrativas orais gravadas pelo Projeto Quem Conta Um Conto Aumenta Um ponto. Para facilitar os processos, as narrativas transcritas se encontram respectivamente nos anexos 01, 02 e 03 do texto e os contos em

formato de áudio MP3 estão referenciados em links que poderão ser acessados por meio de tecnologias móveis.

O projeto desenvolve-se em etapas que irão se sobrepondo até chegar num produto final onde alunos e professores poderão partir do campo da observação para chegar a um produto final em que ocorrerá a descrição do fenômeno variação linguística. Tais etapas, acredita-se, colocará alunos e professores num caminho de construção de conhecimento, onde parte-se da observação para posterior aferição de hipóteses com múltiplas possibilidades de descrição da variação linguística.

Os caminhos percorridos envolvem as etapas na ordem que seguem: a) investigando o Assunto Variação Linguística; b) o contato com a Variação Linguística; c) identificar e Registrar Variação Linguística; d) sistematizando a Variação Linguística, e) descrevendo a Variação Linguística partir dos aspectos fonético-morfológico.

Acredita-se que os caminhos atenderão aos objetivos de ensino e aprendizagem ao qual o projeto se propõe, centralizando nos alunos as perspectivas investigativas, saindo da empiria à formulação de hipóteses descritivas em torno do objeto, a língua e suas variações. Nos caminhos, objetiva-se refletir a seguinte pergunta orientadora: em que medida o estudo da variação linguística do Vale do Jequitinhonha contribui para superação de práticas preconceituosas no estudo da língua portuguesa?

## 2) JUSTIFICATIVA

Nasci em 1980 numa comunidade rural no interior do Estado do Espírito Santo. O que mais me encantava era o encontro de idosos (avô, avó, pais, tios-avôs) jovens e crianças, reunidos sempre em casas diferentes para prostrar, contar casos, causos e contos. Falava-se das colheitas, do tempo dos mutirões comunitários para plantar, limpar e colher. No meio das prosas surgiam contos e causos, longos, contados lentamente, com recursos infinitos da estilística, da semiótica, poéticos, cheios de recursos de linguagem.

Meu pai sempre contava e lembrava do seu irmão gêmeo que morreu na ocasião de um mutirão para colheita de milho e feijão. Beberam tanto que o “piqueno Giovanni “moreu” sufocado por um bêbado” que dormiu sobre a pobre criança. Contava ainda que mesmo não o conhecendo, era “sentido ou visto a noite” por muitos. Isso, claro, assustava-me muito.

A temática dos causos e contos era variada: causos de assombração, contos de cachorro dos “denti vermeio”, “lobisomem”, curupira, saci, diabo, espírito de mortos e outras entidades do mal e do bem que fazia arrepiar até os mais velhos. Causos do tempo que não tinha energia elétrica, televisão e outros modos de socialização. Causos reais: eu “vi, dou testemunho que vi e que aconteceu”.

Esse tempo não foi tão distante. Lembro-me com clareza de quando chegou a energia elétrica na comunidade rural que morava e vivi até os 20 anos de idade. Foi exatamente no ano de 1989. Logo depois, em 1990 meus pais compraram a primeira televisão, contudo não pegava sinal, mesmo com as antenas em V no alto do morro.

Na ausência de sinal, meu pai, sempre enviava os filhos para ir ao alto do morro mexer e balançar a antena. Muitas vezes escalado para tal feito, dirigia-me com outro irmão, sempre mais velho, para o alto da montanha, sempre apavorado, pois me vinha à mente as imagens formadas a partir das narrativas orais que ouvira dos mais velhos.

Aos 17 anos, analfabeto funcional, lia e não compreendia, resolvi retomar os estudos. Era o ano de 1997, com muita raiva e decepção com a cadeia produtiva ao qual estavam submetidos os produtores rurais, retomei. Abandonei o ofício em maio de 1997: num estouro de raiva, frustração e falta de perspectiva lancei, grotá abaixo, uma plantadeira de feijão. E naquele maio de 1997, resolvi retomar os estudos, consciente de que não entendia o que lia, que não sabia escrever. Fui à cidade e matriculei-me no supletivo na 5ª série e no supletivo concluí o ensino médio.

Apreendi algumas coisas, o suficiente para mudar um pouco meu modo de falar. Apreendi, depois de zoação dos “letrados” a transitar entre a estilística dos “nóis fomos” para nós fomos; do “nóis come” para nós comemos. Apreendi na marra e com dor, porque dói sofrer preconceito linguístico. Apreendi que se diz “liga a bomba” e não “aliga a bomba”. Eu, no meu mundo, “aligava tudo” e funcionava: aligava a bomba, aligava a tomada de energia, aligava o trator, aligava a tobata e até aligava o carro e tudo funcionava e aligava direitinho. Aligava e as máquinas “funcionava mémo”.

No ano de 2000, revoltado e acreditando que a educação era o caminho para mudar palavras, léxico, verbos, resolvi continuar os estudos. Um amigo me disse: “você tem que ir para a cidade. Seu lugar não é aqui. Tem que estudar”. E assim vim e formei-me em filosofia na PUC-Minas, em Belo Horizonte em 2004. Comi o pão que o diabo amassou, mas esse pão não enchia a barriga. Comia pouco, porque não tinha emprego, salário, renda. Sobrevivi.

Após a graduação, trabalhei por alguns anos com filosofia. Mas quis “a vida” que eu fosse trabalhar com crianças, adolescentes, adultos em situação de rua. Novamente me deparei com um outro tipo de linguagem, cheio das gírias e de estilística própria. Tive contato com a linguagem e os códigos de comunicação típicos e genuínos da rua. Depois tornei-me servidor público e novamente em contato com narrativas orais... contos de encantamento, ensinamento... apaixonei-me pelo Vale, pela sua estilística e pelas variações da linguagem do Vale. Novamente, coloco-me agora sobre o propósito de trabalhar com a diferença linguística, com o estilo e a variação linguística, algo que me encanta e por vezes muito me incomodou, e creio, incomoda muitos, porque falar com o modus da variação, do dialeto linguístico é visto por muitos como errado, equivocado, feio.

Para o desenvolvimento do projeto, faz-se necessário a inserção de conceitos que ajudam a entender e debater as questões propostas. Segundo Antunes (2013), para descrever possibilidades de “variação” linguística, faz-se necessário ter ao menos dois parâmetros básicos por meio do qual a variante linguística pode ser descrita: a) parâmetro geográfico; b) social.

O geográfico diz respeito a localidade, o território, o lugar. No caso deste projeto de ensino, diz respeito a 15 (quinze) municípios do Vale do Jequitinhonha onde ocorreu as gravações de contos e narrativas orais pelo Projeto Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto, de 1986 a 2000, totalizando o corpus oral e transcrito de (202 contos); e social, que relacionará o conjunto de fatores referente a identidade dos falantes e a organização da comunidade que fala.

## 2.1) PROPOSTA DO PROJETO DE ENSINO: CONTEXTUALIZAÇÃO

No ano de 1996, nascia, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, o Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, com intuito de articular iniciativas de desenvolvimento regional para integrar universidade e comunidades do Vale do Jequitinhonha.

Localizado no nordeste do Estado, o Vale do Jequitinhonha representa 14,6% da área total de Minas Gerais, abrigando cerca de 5,9% da população mineira, contudo com densidade demográfica cada vez menor devido questões ambientais e êxodo rural. É um vale de muitas facetas, moldado em diferentes linguagens: da cerâmica, da escultura em madeira, da tecelagem de algodão. As manifestações da cultura de seus habitantes tornam a região um vale de artesãos, de músicos, de festas populares e de contadores de histórias.

Existente desde 1996, o Programa Polo gesta com as comunidades frentes de atuação em diversas áreas: saúde, educação, meio ambiente, geração de renda, direitos humanos, direitos das mulheres, preservação e gestão das águas, valorização e desenvolvimento da cultura regional, artesanato, música, canto, dança, congado, e outros. Dentro do escopo do Programa Polo do Jequitinhonha, iniciou-se no ano de 1996, o Projeto **Quem Conta um Conto Aumenta Um Ponto**, que consistia, inicialmente, em registrar contos, causos e relatos orais nas comunidades do Alto, Médio e Baixo Vale. Nesse recorte cabe um destaque: Projeto Quem Conta um Ponto Aumenta Um Ponto, recepcionou, no ano de 1996, um conjunto de contos já inventariados e gravados pelo Projeto Oralidades, desenvolvido no Vale do Jequitinhonha desde 1986 pela professora da PUC-MG, Vera Ferreira Felício e pelo professor, Reinaldo Martiniano Marques, que viria para os quadros da UFMG posteriormente.

Juntos, os Projetos Oralidades e o Quem Conta Um Conto Aumenta um Ponto conseguiram inventariar e gravar um total de 272 contos de encantamento, ensinamento, causos e lendas oriundas do Vale. O corpus que compõe o projeto em questão, é composto hoje por 272 contos gravados em fita cassete, bem preservadas. Destes 272 que foram gravados, apenas 49 foram registrados em MP3 até o momento e utilizados em trabalhos. Pode-se citar os 35 contos que foram trabalhados por Souza (2009) no *audiolivro Negros pelo Vale*, gerando uma análise descritiva do papel e identidade do negro no Vale. O recorde do pesquisador se dá na construção da identidade negra e das narrativas orais sobre os negros no Vale. Considera SOUSA (2014, p. 18) que

“com suas contribuições culturais, o negro transformou-se em um personagem de grande

relevância no Vale do Jequitinhonha, percorrendo vozes que preservam viva a arte milenar de contar histórias. Por meio dessa arte, memória, saberes e experiências são entrelaçados num tecido de narrativa que se transmitem por gerações de boca a ouvido”.

De acordo com Souza (2014), nas 35 narrativas pesquisadas, na maioria o negro aparece como escravo, condição que marcou sua entrada no Vale. Em outras, apesar de não aparecer como escravo, o negro é situado em uma posição inferior na hierarquia social, sendo visto em algumas sob um ângulo estereotipado.

Antunes (2009) desenvolve com outros autores a transcrição e reescrita a partir dos contos originários. Transcreve 15 contos do projeto, transformando as narrativas com novos personagens e adequando-os à linguagem padrão. Das narrativas que estão em formato MP3 disponíveis, tem-se ainda sete (07) que foram gravadas e estão disponíveis em CD anexo ao livro *No tempo em que os bichos falavam*. O livro é interessante, porque apresenta o conto transcrito (tentativa de preservar a oralidade) como também desenvolve a transcrição dos sete contos para o padrão culto da língua, além de apresentar todo o léxico encontrado nos contos, que é típico e oriundo da região do Vale. Na mesma linha, foi lançado o CD com sete faixas e o livro *7 histórias de encanto e magia*. Diferencia-se do trabalho, no tempo que os bichos falavam, pois este não apresenta a lexicografia, mas segue a transcrição e transcrição.

Outro trabalho fenomenal que surgiu a partir dos contos do projeto foi a publicação de Antunes (2013), *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*. A autora, junto com colaboradores, registra do corpora de referência uma nomenclatura de mais de 1.000 unidades léxicas, sendo um número considerável de verbetes para representar a lexicografia regional. A obra resgata e preserva a lexicografia de uma cultura que merece ser preservada. Envolve conhecimentos linguísticos, históricos e sociais. Segundo Maria Cândida Trindade Costa Seabra in Antunes (2013, p. 11) a produção da obra “dá existência escritural à fala”.

Ainda no alinhado ao projeto, pode-se citar a relevância de inúmeros trabalhos como Almeida e Queiroz (2004), com o livro *Na captura da Voz*. Queiroz (2004) analisou 58 coletâneas de narrativas orais e segundo a autora há uma prevalência do português padrão.

“apesar de a grande maioria dos coletores se propor o registro “fiel” da linguagem do contador, marcada por traços regionais e socioculturais... apenas 10% das publicações analisadas apresentam glossário dos vocábulos regionais; o que me parece indício de uma tendência à padronização da linguagem verbal (pelos organizadores das coletâneas), pois o

vocabulário, sabe-se, é o nível mais claramente marcado por diferenças dialetais” (QUEIROZ, p. 66).

Cita-se ainda os trabalhos de Sousa (2006) *Pedro Braga: uma voz no Vau* que foi contador gravado e documentado pelo projeto Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto; e ainda em Sousa (2012, p. 84), especificamente a história do pai Jacarandá e Pai Urubu, também gravadas e transcritas.

Nessa breve contextualização, objetivou-se apresentar os trabalhos que surgiram a partir das narrativas orais do projeto Oralidades, posteriormente recepcionado pelo projeto Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto, desenvolvido dentro do Programa Polo de Integração do Jequitinhonha.

Ainda para contextualizar o assunto, pode-se dizer que o projeto Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto passou por duas fases: 1) composição de um corpus oral (gravações); 2) Composição e transformação num corpora: transcrição, transcriação, dissertações, teses e compilação de verbetes, léxicos. Na criação e materialização do corpora, percebe-se que a transcriação parece ser um indício de uma tendência à padronização da linguagem formal.

Pretende-se com esta breve introdução apontar a pesquisa realizada e fazer o caminho inverso. Pretende-se dar voz a variação, a fala, à narração e contribuir com a diminuição do preconceito linguístico, como sentido e vivido por muitas pessoas que não se comunicam de acordo com o padrão culto da língua.

Por que não se ensina nas escolas o que é certo ou errado a partir da variação linguística? Porque ensinamos e pensamos nos sistemas de ensino a partir de um modelo gramatical que se denomina certo, padrão, culto?

A título de exemplo, poder-se-ia, ensinar o que é um dígrafo a partir da variação da perda do dígrafo com pronúncia de semivogal (i) como em expressões como muié, (mulher), cuié (colher) fiá/fio (filha/filho), trabaiava, (trabalhava) trabaio (trabalho), paia (palha), caoio (caolho). Os contos que serão base para o projeto de ensino em questão trazem inúmeros elementos de variação linguística que podem ajudar a diminuir, reduzir o preconceito linguístico.

Esta seção teve o objetivo de apresentar a produção realizada pelo Projeto Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto. Buscou-se evidenciar que nos trabalhos e produções acadêmicas produzidos parece ter uma tendência de se valorizar produções que ajustam e moldam a língua ao padrão norma culta, tendo em vista que os principais trabalhos, como apresentado giraram em torno de novas

criações ajustando a língua oral ao padrão culto. Objetivaremos fazer o caminho inverso, dar voz a variação, a fala, à narração e contribuir com a diminuição do preconceito linguístico, como sentido e vivido por muitas pessoas que não se comunicam de acordo com o padrão culto da língua. Na próxima seção apresentamos a sociolinguística que será o referencial teórico para análise de variações em contos do Vale do Jequitinhonha.

### **2.1.2) Sociolinguística – referencial teórico**

Linguagem e sociedade estão interligadas entre si de forma inquestionável. Ao analisar a lexicografia do Vale do Jequitinhonha, percebe-se na linguagem, forte marcação dos componentes geográficos e suas riquezas naturais (rios, vegetação, minerais, ouro, diamante, pedras preciosas) e componentes sociais e culturais. De acordo com Benveniste (1976) a correlação entre língua e sociedade consiste que a língua é instrumento que analisará a sociedade, descrevendo-a, conceituando e interpretando-a. Neste sentido, a palavra dá nome, descreve e significa as coisas.

Entender a língua, a linguagem como componente humano, dentro do campo das humanidades, com suas condições, potencialidades e problemas é um desafio que deve ser posto para aqueles que trabalham com educação, principalmente nos anos finais da Educação Básica. A língua com sua variação, estilística e léxico marcam transversalmente e substancialmente a história, a vida e a conformação social e história de um povo, no caso, povo do Vale. Ainda em relação à língua e suas variações, cabe destacar, que estima-se a existência de mais de “250 línguas faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira” (BRASIL, 2014, p. 66)

Compreender, estudar a língua e variação é trabalho da sociolinguística. Ela parte do pressuposto de que toda língua, falada por qualquer povo ou comunidade, exhibe no seu curso variações. Implica dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades linguísticas. O principal embasamento da ideia “de que a variação existe” como exposto, parte de um dos axiomas da Sociolinguística Laboviana - (WEINREICH; LABOV, et al, 2006) – de que a variação é inerente ao sistema linguístico, sendo a língua um sistema heterogêneo.

Tal axioma se contrapõe ao pensamento neogramático que prevê a estrutura da língua a partir de um recorte homogêneo. Assim, de acordo com a visão variacionista Laboviana, a língua agrega



possibilidades inerentes de variação, contudo possível de estruturação. Deste argumento decorre que heterogêneo e ordenado também pode ser a competência dos falantes.

A heterogeneidade, de acordo com a sociolinguística pode e deve ser organizada. De acordo com Silva (2012, p. 51),

“analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma comunidade de fala são os principais objetivos da sociolinguística. De forma simples e direta, podemos dizer que o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”.

Da sociolinguística Laboviana decorre a análise da “teoria da variação linguística”, modelo teórico-metodológico que assume a coexistência de variantes no meio social e que procura probabilidades de uso dessas variantes. Por envolver a análise de números, frequência e dados estatísticos, também é chamado de “sociolinguística quantitativa”. No método, as variáveis são postas pelo pesquisador e de acordo com sua intuição. Na análise do fenômeno linguístico, por exemplo, pode-se levantar hipóteses, como a que segue: 1) O Estado, representante da língua padrão, por meio de instituições de ensino da língua portuguesa, pode estar gerando um “apagamento, empobrecimento e homogeneização da língua no Vale”, conseqüentemente gerando apagamento da estilística, do léxico e de variações constatadas a partir do corpora citado.

Esses breves apontamentos buscaram referenciar a sociolinguística e seu método. Passemos agora ao projeto de ensino propriamente dito, que terá nos contos a base de análise e possibilidades de superação de questões relacionadas ao preconceito linguístico.

### **3) Natureza do Projeto:**

#### **3.1 Público Alvo**

A importância de trabalhar a temática da variação linguística e preconceito linguístico decorre dos possíveis impactos que isso pode causar na vida de alunos e pessoas que sofrem esse tipo de preconceito. Trabalhar o ensino a partir da variação decorre da necessidade de se preservar a diversidade da língua, suas variações regionais e locais.

Diferenciar a língua formal e a língua em uso é fundamental para abrigar o conjunto diverso de variações existentes como no Brasil, país com dimensão territorial continental.

Acredita-se que a temática do preconceito linguístico pode ser de abordagem multidisciplinar, envolvendo principalmente disciplinas como língua portuguesa, história, geografia, sociologia e filosofia, em diferentes etapas da formação, podendo ser inserida no Ensino Fundamental II e se estendendo ao Ensino Médio.

Por se tratar de temática afeta a um amplo conjunto da sociedade (professores e alunos) de diversos segmentos, por pessoas, regiões, territórios que vivem e sofrem o preconceito linguístico, tem-se que a temática tem natureza concentrada em: 1) contribuir para a redução do preconceito linguístico; 2) sistematizar e compreender o que é variação linguística; 3) ensinar e aprender a partir da variação linguística; 4) contribuir para preservação da variação linguística.

### **3.1.2) Objetivo de ensino**

- Possibilitar a professores e alunos identificar processos de variação linguística nos contos que serão apresentados no decorrer do projeto;
- Apresentar, no decorrer do projeto, chave de variação linguística encontrada nos contos selecionados que poderão ser base para análise de outras narrativas orais em outros projetos criados por professores em sistemas de ensino, escolas particulares e instituições de ensino
- Contribuir para a redução do preconceito linguístico nas escolas e entre profissionais da educação;
- Desenvolver em alunos, professores e profissionais de ensino o interesse em pesquisar, conhecer temáticas correlatas a variação linguística;
- Criar possibilidade de ensino a partir das variações da língua nos seus aspectos fonético-morfológico e pragmático da língua;

### **3.1.3 Objetivos de Aprendizagem**

Ao final deste projeto esperamos que os alunos sejam capazes de:

- identificar processos de variação linguística nos 03 contos que serão apresentados no decorrer do projeto;
- descrever a variação linguística a partir dos aspectos fonético-morfológico e pragmático da

língua;

- registrar as variações linguísticas nos contos que serão selecionados e apresentados neste projeto de ensino buscando suas variações, singularidades e particularidades;
- investigar temáticas correlatas a variação linguística ;
- sistematizar a variação linguística a partir dos aspectos fonético-morfológico e pragmático da língua.

### 3.1.4 Ferramentas Necessárias para o Projeto

Para o desenvolvimento do projeto será necessário:

- internet com acesso à rede de dados
- computador, tablet ou smartphone com fone de ouvidos;
- equipamento de reprodução de áudio em formato universal de MP3.

### 3.1.5) Implementação:

Para a implementação do projeto foi selecionado 03 (três) narrativas orais que estão em formato MP3, disponíveis nos seguintes links baixo:

1) O Nego da Manjara, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Xho6eKz4r-Y&list=PL\\_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=31&t=129s](https://www.youtube.com/watch?v=Xho6eKz4r-Y&list=PL_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=31&t=129s). Acesso em 20 de nov. 2022.

2) O Soldadin e o Bitela, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1mQuurDWyH8&list=PL\\_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=10](https://www.youtube.com/watch?v=1mQuurDWyH8&list=PL_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=10). Acesso em 20 de nov. 2022.

3) A História da Crise, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WK5s23O9eZA&list=PL\\_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=WK5s23O9eZA&list=PL_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=2). Acesso em 20 de nov. 2022.

Os contos, dentro do cenário |macro do Projeto Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto é uma boa referencia para análise de variação linguística.

Os anexos 1, 2 e 3, respectivamente e na ordem, trazem a transcrição das narrativas orais o Nego da Manjara; O Soldadin e o Bitela; A História da Crise.

#### 4.1) Avaliação segundo abordagem Histórico-Crítica

Pensar e conceber os processos avaliativos não é uma tarefa fácil. Em todas as instâncias da educação, da básica ao nível superior, esses processos são discutidos ao extremo, mas jamais se esgotam. Avaliar na escola implica conhecer os processos pedagógicos construídos por alunos e professores. Tais processos incluem indagações e buscam, de acordo com o método, atingir objetivos.

A pedagogia histórico-crítica e sua avaliação tem seu fundamento e suas bases no materialismo histórico dialético<sup>1</sup>, corrente esta que emerge no Brasil na década de 1980. Tem em suas bases demandas educacionais que visam ser alternativas às pedagogias hegemônicas (Pedagogia Tradicional, Tecnicismo, Pedagogia Nova). Assim é voltada, principalmente, para construção e formação de sujeitos críticos.

Opta-se por tal pensamento neste projeto, por entendermos que é a melhor teoria educacional que pode ajudar sujeitos que estão em formação a compreender que “variedades linguísticas”, por exemplo, decorrem das contradições e diferenças culturais de um país com dimensão continental, plural em sua base e configuração social, desde as origens.

Entende-se que não basta ao sistema de ensino e a escola apenas compreender o que é uma “variação linguística”, mas sim transformar sujeitos e pessoas, tornando-os sujeitos históricos críticos do uso que se faz da língua.

Para Saviani, a pedagogia histórico-crítica é:

o empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta nesta visão da pedagogia histórico-crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento

---

<sup>1</sup> O materialismo histórico-dialético é um método de interpretação, análise e explicação da realidade. Tem sua origem no marxismo originário. Contrapõe-se aos dualismos do par dicotômico sujeito/objeto, próprios do positivismo e da lógica formal. Visa superar a dicotomia sujeito/objeto por entender que sujeito e objeto são dois aspectos de uma mesma realidade em contradição e em unidade indissolúvel. Vázquez (1968) vê o materialismo histórico-dialético como modelo de interpretação/ação, que vincula a consciência, a razão e o discurso a práticas transformadoras, revolucionárias. Entende-se este também como filosofia capaz de elucidar as contradições para evidenciar mecanismos de dominação. O método consiste em evidenciar polos de contradição, de disputas que está no seio da sociedade.

material, da determinação das condições materiais da existência humana. (SAVIANI, 2012, p. 76).

De Saviani, é plausível se inferir que a pedagogia é histórica, porque nessa perspectiva o ensino, a aprendizagem, intervém na sociedade, contribuindo com a sua transformação. Ao mesmo tempo é crítica, porque se coloca como caminho para mudar sociedade e também se transformar à medida das transformações que sofre e imprime na sociedade.

Para Saviani, a pedagogia histórico-crítica visa estimular o diálogo entre os educadores e os educandos, levando em conta suas experiências históricas e sociais, sem perder de vista a sistematização do conhecimento, sua ordenação e conteúdo. Portanto, nessa lógica, o conhecimento constrói-se, precipuamente, a partir da base material e social.

Pode-se dizer que o fundamento da pedagogia histórico-crítica, tem suas origens nas obras de Marx, e foi desenvolvida a posteriori por inúmeros autores.

Vigotski, por exemplo, pressupõe a natureza social da aprendizagem, ou seja, é por meio das interações que o indivíduo, a criança, desenvolve suas funções de habilidade e conhecimento. Segundo o autor, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (VIGOTSKI, 2017, p.100). Ainda de acordo com o autor, o indivíduo nasce com funções psicológicas elementares, tais como atenção involuntária e reflexos, que, via interação social, transformam-se em funções psicológicas superiores, tais como o planejamento, a atenção, a memória, a imaginação e o pensamento. Os processos mentais superiores – que estão ligados ao desenvolvimento – têm sua origem em processos sociais mais elementares como o ato de comer, beber, sentir frio, calor, medo. Assim, cabe ao professor, sistema de ensino, promover o desenvolvimento.

Gasparin (2011), na esteira de Vygotsky defende que a avaliação dentro do processo de ensino e aprendizado deve contemplar experiências históricas e sociais, onde o processo educativo deve ocorrer em sua “totalidade, gerando uma visão ampla e complexa, relacionando os conteúdos com o processo de formação do sujeito com o cotidiano no que está inserido”.

Gasparin (2011) defende que se deve valorizar o conhecimento prévio, pois assim, no processo avaliativo, os alunos teriam a oportunidade de evidenciar o conhecimento que já dominam.

De acordo com Mészáros (2008) o objetivo e meta central dos que lutam contra uma sociedade mercantil, contra a alienação, intolerância e preconceito é a emancipação humana. A educação, que poderia ser a mola de propulsão para a mudança, absorção das divergências sociais, regionais e linguística, torna-se instrumento e meio de estigmas da sociedade. Torna-se instrumentos de opressão e padronização de pensamento, linguagem, narrativas. Nas palavras de Emir Sader, “fornece os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gera e transmite um quadro de valores que legitima os interesses dominantes” (MÉSZÁROS, 2008, p. 15).

Para o desenvolvimento dos fundamentos da abordagem histórico-crítica, poderíamos nos embasar em diversos autores contemporâneos e brasileiros. Destarte, pela envergadura dos argumentos e alcance, acredita-se que a obra “*A educação para além do Capital*, de Istiván Mészáros cumpre este propósito genuíno de trazer contribuições ao ensejo de pensar a educação e no caso, a própria avaliação, aprendizagem e desenvolvimento.

Mészáros (2008, p.23) desenvolve suas reflexões embasados em três fortes epígrafes e também a tomaremos de base para desenvolvimento da concepção histórico-crítica. Sendo:

- a) “a aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender” (Paracelso);
- 2) “Viemoas à terra como cera, - e o acaso nos esvazia em moldes pré-fabricados. As convenções criadas deformam a verdadeira existência... Os resgates foram formais; - é preciso que sejam essenciais (...) A liberdade política não será assegurada, enquanto a liberdade espiritual não for assegurada (...) Escola e lar são as duas formidáveis prisões do homem” (**tradução nossa**, José Martí).
- 3) “A teoria materialista de que os homens são produto das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produto de circunstâncias diferentes e de educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado. Leva, pois, forçosamente, à divisão da sociedade em duas partes, uma das quais se sobrepõe à sociedade (...) A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser aprendida e racionamente compreendida pela prática transformadora” (Kal Marx).

Realizado esta breve conceituação sobre a aprendizagem a partir da concepção histórico-crítica, acredita-se que as epígrafes trabalhadas por Mészáros (2008, p.23) possibilitam atender aos objetivos de aprendizagem propostos para a pedagogia crítica e para o projeto de ensino sobre variação linguística, que nos objetivos de aprendizagem exigem dos estudantes e professores:

- a) abertura à aprendizagem e transformação social, pois “ninguém passa dez minutos sem nada aprender”.
- b) Viemos à terra como cera, - e o acaso nos esvazia em moldes pré-fabricados. Podemos ser flexíveis, maleáveis, sem preconceitos com a linguagem... maleáveis como a cera e não moldes pré-fabricados;
- c) homens são produto das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produto de circunstâncias diferentes e de educação diferente – a educação pode transformar. Neste sentido, compreender, registrar, sistematizar e trazer a problemática da variação linguística pode modificar não apenas pessoas, mas também processos educativos e a própria educação.

## **5) MANUAL DO PROFESSOR**

O projeto desenvolve-se em etapas que irão se sobrepondo até chegar num produto final onde alunos e professores poderão sair do campo da observação para chegar a um produto final em que ocorrerá a descrição do fenômeno variação linguística. Tais etapas, acredita-se, colocará alunos e professores num caminho de construção de conhecimento, onde parte-se da observação para aferição de hipóteses com múltiplas possibilidades de descrição da variação linguística.

Os caminhos percorridos envolvem as etapas na ordem que seguem: a) investigando o Assunto Variação Linguística; b) o contato com a Variação Linguística; c) identificar e Registrar Variação Linguística; d) sistematizando a Variação Linguística, e) descrevendo a Variação Linguística partir dos aspectos fonético-morfológico.

A proposição das etapas conforme apresentado acima estão atreladas aos objetivos de ensino e aprendizagem previamente definidos acima. Acredita-se que por ser processual e procedimental será mais viável para a compreensão e implementação.

**a) Investigando o Assunto Variação Linguística:**

**Tempo de duração:** 01 aula de 50 minutos.

**Professor e alunos:** chuva de ideias sobre o conteúdo variação linguística

**Alunos:** pesquisar o tema variação linguística

**Alunos e professor:** dialogar em grupos as questões colocadas no decorrer do texto.

Nesta etapa, alunos e professores irão se debruçar e investigar o que é propriamente variação linguística. Como o tema não tem abordagem corrente, sugere-se explorar questões conceituais para ser uma introdução ao conteúdo, para que as etapas subsequentes possam ter um melhor desenvolvimento.

Algumas questões são colocadas para ser diretrizes para investigação. O que é variação linguística? Por que devemos compreender, entender, estudar, sistematizar variação linguística? O que é investigar numa perspectiva empírica? Isso pode ajudar a reduzir o preconceito linguístico? Por que convencionou-se chamar de erro fenômenos de variações criativas? Será que aqueles que criticam o estilo e as variações percebem que dentro desse processo existe um padrão ordenado de variações? Isso é ensinado nas aulas de literatura nas escolas ou simplesmente são tratados como erros nos processos fonéticos, semânticos e sintáticos? Por que é importante discutir isso nas escolas? Porque não se ensina o que é dígrafo a partir do fenômeno da perda do dígrafo como constatado em trabalho (por trabalho) muié (por mulher), paia (por palha)? Porque não se discute o que é consoante a partir da perda final do R em morfemas, com inclusive, alteração fonética de palavras como labutá (por labutá), vendê (por vender), comê (por comer)?

**CONSIDERAÇÕES:**

Compreender, estudar a língua e variação é trabalho da sociolinguística. Ela parte do pressuposto de que toda língua, falada por qualquer povo ou comunidade, exhibe no seu curso variações. Implica dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades linguísticas. O principal embasamento da ideia “de que a variação existe” como exposto, parte de um dos axiomas da Sociolinguística Laboviana - (WEINREICH; LABOV, et al, 2006) – de que a variação é inerente ao sistema linguístico, sendo a língua um sistema heterogêneo.

Tal axioma se contrapõe ao pensamento neogramático que prevê a estrutura da língua a partir de um recorte homogêneo. Assim, de acordo com a visão variacionista Laboviana, a língua agrega



possibilidades inerentes de variação, contudo possível de estruturação. Deste argumento decorre que heterogêneo e ordenado também pode ser a competência dos falantes.

Entender as múltiplas variedades da língua numa perspectiva heterogênea e ordenada significa compreender e conceber a língua a partir do seu contexto de uso, com regras, padrões e variedades dentro de um território e uma comunidade de fala, num contexto de comunicação.

### **SUGESTÕES:**

Para aprofundamento da temática sugere-se assistir o vídeo *variação linguística*, disponível no <https://www.youtube.com/watch?v=2h26Wt4tbJE>, acessado em 23 de nov. 22. Sugere-se um segundo vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6fBOVygtNoU>, acessado em 21 de nov. 22.

### **b) O contato com a Variação Linguística.**

**Tempo de duração:** 02 aulas de 50 minutos.

**Professor:** disponibilizar contos impressos

**Professor:** Orientação para leitura dos contos e escuta simultânea dos áudios

**Alunos:** Ouvir os áudios e fazer leitura simultânea dos Contos Transcritos.

### **Contos:**

- O Nego da Manjara, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Xho6eKz4r-Y&list=PL\\_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=31&t=129s](https://www.youtube.com/watch?v=Xho6eKz4r-Y&list=PL_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=31&t=129s). Acesso em 20 de nov. 2022.
- O Soldadin e o Bitela, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1mQuurDwyH8&list=PL\\_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=10](https://www.youtube.com/watch?v=1mQuurDwyH8&list=PL_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=10). Acesso em 20 de nov. 2022.
- A História da Crise, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WK5s23O9eZA&list=PL\\_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=WK5s23O9eZA&list=PL_Pnj-SYHnV9YrMRkELLrGoqXV4PNeggo&index=2). Acesso em 20 de nov. 2022.

Concluída a etapa acima, onde alunos e professores investigaram conceitos geradores da sociolinguística, busca-se nesta etapa o contato com áudios e contos transcritos. A diretriz para a etapa é, partindo do empirismo (experiência e observação) criar hipóteses a partir da observação (audição e leitura).

O empirismo defende que teorias científicas devem se basear na observação de fenômenos e do mundo. No caso, o fenômeno que aparece e será observado, são variações da língua. Esta etapa dará

elementos hipotéticos parra etapas subsequentes.

Segundo Antunes (2013) para analisar o fenômeno da variação linguística deve-se ter em mente dois parâmetros: o geográfico e o social. O geográfico diz respeito a localidade, o território, o lugar. No caso deste projeto, diz respeito à narrativas orais do Vale do Jequitinhonha, onde ocorreu as gravações de contos e narrativas orais pelo Projeto Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto, de 1986 a 2000, totalizando o corpus oral e transcrito de (202 contos).

Localizado no nordeste do Estado, o Vale do Jequitinhonha representa 14,6% da área total 4 de Minas Gerais, abrigando cerca de 5,9% da população mineira, É um vale de muitas facetas, moldado em diferentes linguagens: da cerâmica, da escultura em madeira, da tecelagem de algodão. As manifestações da cultura de seus habitantes tornam a região um vale de artesãos, de músicos, de festas populares e de contadores de histórias. O social, que relacionará o conjunto de fatores referente a identidade dos falantes e a organização da comunidade que fala.

Referenciar o território é importante, tendo vista que este é um dos fatores que é levado em conta ao se pesquisar variação linguística. A imagem 01 abaixo delimita a área geográfica que compreende o território do Vale do Jequitinhonha.

Imagem 01 – Território do Vale do Jequitinhonha.

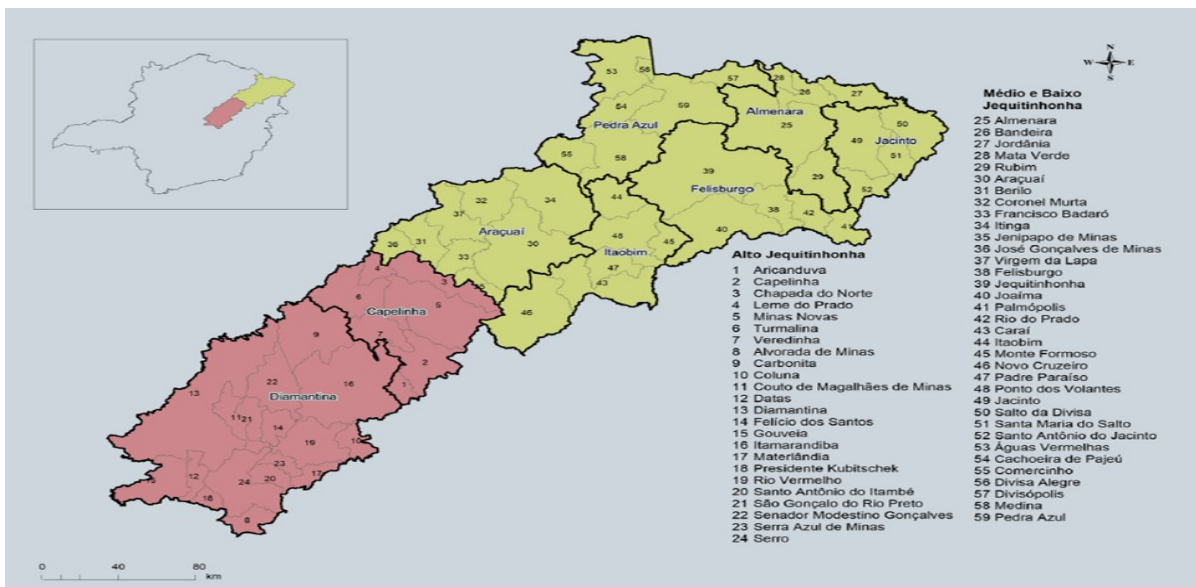


Foto: Reprodução/Plano de Desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha – Fundação João Pinheiro, disponível em <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-vale/sobre-o-vale-do-jequitinhonha/>, acessada em 12 de dez.2022.

O componente social é outro elemento determinante. Para melhor entendimento das questões sociais que pode ser variantes de uma língua, pode-se ter acesso ao Plano de Desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha (2017), disponível em [http://sii.fjp.mg.gov.br/04\\_Volume2.pdf](http://sii.fjp.mg.gov.br/04_Volume2.pdf), acessado em 19 de nov. 2022.

Apesar da amostra deste projeto ser limitada à três narrativas orais, dentro de um corpus grande, acredita-se que estas podem contribuir no processo de ensino aprendizagem sobre variação linguística. Tendo em vista que foi realizado uma análise mais ampla de 15 narrativas orais e foram encontrados variações que são comuns também às três narrativas propostas. Por exemplo, cita-se a variação da perda do dígrafo lh com pronúncia de semivogal (i): ex: trabaiava, (trabalhava) trabaio (trabalho), muie, (mulher), paia (palha), caoio (caolho), dentre outros fenômenos comuns.

### **c) Identificar e Registrar Variação Linguística**

**Tempo de duração:** 02 aulas de 50 minutos.

**Professor:** disponibilizar contos impressos, ficha de registro e orientação da atividade.

**Alunos:** identificar e registrar as variações encontradas nos contos.

Uma vez que os alunos já investigaram e tiveram contato com narrativas orais que apresentam o fenômeno da variação linguística, nesta etapa os alunos iniciarão o processo de identificação e registro das variações que podem ser encontradas.. Pode-se identificar e registrar substantivos, verbos, adjetivos, interjeição e conjunções. Este levantamento será a base para a etapa subsequente.

A diretriz para a etapa é, partindo do empirismo (experiência e observação) criar hipóteses a partir da observação (audição e leitura). O empirismo defende que teorias científicas devem se basear na observação de fenômenos e do mundo. No caso, o fenômeno que aparece e será observado, são variações da língua. Esta etapa dará elementos hipotéticos para etapas subsequentes.

Como o trabalho busca variação linguística em três narrativas, pode-se ocorrer que alguns registros são únicos e exclusivos de um conto e outros são comuns.



- 1) **NM:** para Negro da Manjara;
- 2) **HC:** para História da Crise;
- 3) **SB:** O Soldadin e o Bitela.

#### **d) Sistematizando a Variação Linguística**

**Tempo de duração:** 01 aula de 50 minutos.

**Professor:** disponibilizar contos impressos, ficha Sistematizando a Variação Linguística

**Alunos:** **Sistematizar** as variações encontradas nos contos.

Nesta etapa, alunos e professores desenvolverão a sistematização da variação linguística nas narrativas. A partir da identificação e registro realizado na etapa anterior, desenvolve-se nesta etapa a busca e classificação das palavras segundo os aspectos morfológicos.

De maneira geral, pode-se dizer que a morfologia estuda a origem, as derivações e flexões das palavras da língua. Bechara (2009) não usa muito a palavra morfologia, prefere denominar este ramo da gramática como “descritiva e normativa”, sendo classes gramaticais: o substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Dentro destas classes, é bom destacar, que algumas são variáveis (substantivo, adjetivo, pronome, numeral, artigo e verbo. Variam em gênero - masculino e feminino -; número -singular e plural -; e grau - aumentativo e diminutivo.

Objetivando retomar questões conceituais de forma rápida para melhor sistematização das variações, cita-se conceitualmente as classes gramaticais destacadas, sendo:

**1) Substantivos:** “são palavras que designam os seres e é subdivido em comum e próprio”.

(CEGALLA, 2008, p. 89).

**2) Artigos:** “é uma palavra que antepomos aos substantivos para determiná-los. Indica-lhes, ao mesmo tempo, gênero e número”. São divididos em: Definidos e indefinidos.(CEGALLA, 2008, p. 111).

**3) Adjetivos:** “são palavras que expressam qualidades/características dos seres”. (CEGALLA,2008, p. 113).

- 4) Numeral:** “é a palavra que exprime número, número de ordem, múltiplo ou fração. Pode ser cardinal, ordinal, multiplicativo ou fracionário” (CEGALLA, 2008, p. 126).
- 5) Pronomes:** “representam os nomes dos seres ou os determinam, indicando a pessoa do discurso (CEGALLA, 2008, p. 131).
- 6) Verbo:** “é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno. É a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz”. (CEGALLA, 2008, p. 143).
- 7) Advérbio:** “uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio” (CEGALLA, 2008, p. 201).
- 8) Preposição:** “é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos”. (CEGALLA, 2008, p. 208).
- 9) Conjunção:** “é uma palavra invariável que liga orações ou termos da oração. (CEGALLA, 2008, p. 221).
- 10) Interjeição:** “é uma palavra ou locução que exprime um estado emotivo, um sentimento súbito”. (CEGALLA, 2008, p. 229).

Realizado o percurso das etapas posteriores, parte-se agora - tendo como base a ficha de identificação e registro realizado da etapa anterior - para a classificação das palavras segundo os aspectos morfológicos. Para tanto, usaremos a ficha abaixo em que será possível classificar as palavras de acordo com a gramática normativa, em suas diferentes classes e singular ou plural.



a língua agrega possibilidades inerentes de variação, contudo possível de estruturação de acordo com a competência dos falantes.

Perceber a variação não é um processo simples, destarte muito maior é o desafio em torno da sistematização. Assim sendo, neste momento, buscaremos a ordenação a partir dos aspectos fonético-morfológico, não entrando no projeto nas partes da sintática e da semântica.

Por melhor entendimento do que se pede, tendo em vista os desafios de se sistematizar, coloca-se algumas possíveis análises que poderão ser trabalhadas e desenvolvidas com e pelos alunos. Numa busca rápida pelos 03 narrativas orais sugeridas para o trabalho, constatam-se inúmeras possibilidades e fenômenos linguísticos.

Exemplificando alguns processos:

- Perda do dígrafo lh com pronúncia de semivogal (i): ex: trabaiava, (trabalhava) trabaio (trabalho), muie, (mulher), paia (palha), caio (caolho);
  - Perda consoante final R em morfemas (verbais ou nominais), com alteração fonética ao final: labutá (labutar), amô (amor), vendê (vender), comê (comer);
- Supressão da consoante d do gerúndio: ex: ele foi ino, foi ino, ino... ai, tropeçô e foi caino, caino... sua ropa caiu tudo, dispois foi pono tudo no sacco.
- Vocalização, transformação do fonema consonantal em vocálico: ex: córrego para coigo. • Desnasalização, transformação de fonema nasal em oral: ex: bestagem, (bestage), homem (home), garagem (garage), coragem (corage).
- Substituição: verbo haver (impessoal) por ter, e tantas outras.

Como já assinalado, constatar a variação é trabalho da sociolinguística. A preocupação com a “preservação e registro variação” entram no campo de interface da sociolinguística e da estilística, sendo esta, ramo da linguística que estuda a língua na sua função expressiva, analisando o uso dos processos fônicos, sintáticos e de criação de significados que individualizam estilos.

Realizado os apontamentos em torno das possibilidades de análise, pede-se aos alunos para realizar a descrição das variações linguísticas a partir dos léxicos que foram listados das etapas anteriores.





Ao término desta etapa, o que podemos inferir? Foi possível aferir alguma hipótese de variação da língua? Suponhamos que haja de fato variação linguística em algumas palavras, o que se pode deduzir destes processos? É possível criar um padrão ordenado em torno das variações, como defende Labov?

## 6) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que o percurso do projeto possa possibilitar alunos e professores à imersão de processos investigativos que partam do empirismo (observação) para aferição de hipóteses com múltiplas possibilidades de descrição da variação linguística.

Tal percurso pode ser vivenciado a partir do contato com variação linguística, etapa **b** do manual do professor, perpassando sucessivamente para as etapas de registro, sistematização e descrição, momento este em que se pode validar hipóteses por meio da descrição da variação linguística.

Tais caminhos colocarão estudantes e professores perante o axioma de Labov onde é possível constatar que dentro de uma heterogeneidade linguística existe uma estrutura ordenada na variação, rompendo desta forma com possíveis preconceitos que vêm na variação apenas um caos desordenado, equívocos e erros.

Credita-se ao projeto ainda a capacidade de, no percurso, possibilitar aos alunos e professores a compreensão de que os “homens são produtos das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produtos de circunstâncias diferentes e de educação diferente”. Mészáros (2008, p.23).

Neste sentido, compreender, registrar, sistematizar e trazer a problemática da variação linguística pode modificar não apenas pessoas, mas também processos educativos e a própria educação, visto que Castilho (2001) considera que se o ensino da língua portuguesa partisse da língua falada teríamos em consequência melhor aquisição da língua escrita; e que, Silva (2002) considera que os

desafios que se encontram em falar de variação linguística se dão em função da visão imposta pela gramática normativa.

Os caminhos percorridos, da observação a formulação de hipóteses, com a descrição da variação linguística atenderam aos objetivos de ensino e aprendizagem ao qual o projeto se propôs, centralizando nos alunos as perspectivas investigativas em torno do objeto, a língua e suas variações.

## - ANEXO 1: O NEGO DA MANJARRA<sup>2</sup>

Existia um rei que tinha uma fia muito bonita, e ele tinha seus iscravos. Então, muitos iscravo era invocado a querê casá co' a fia do rei, né?, pro vê que num pode mesmo, né?, iscravo casá co' a fia do rei. Aí, todo dia, na frente da casa tinha um alpendre, a moça sentava no alpendre e ficava leno revista. Então, o nego passava entre um serviço, junto co' os oto e cumprimentava ela.

— Bom dia mi'ró — é que ele queria dizê “Bom dia, minha rosa”, mas, como a língua dele num dava, ele falava “miró”.

Então ela respondia:

— Bom dia, nego.

Aí quando foi um dia, ela perguntô o pai dela:

— Papai, o que quer dizê “miró”?

Ele disse:

— Por que, minha fia?

— É porque todo dia passa um nego aqui e me cumprimenta desse jeito: “Bom dia, Miró”.

Eu respondo: “Bom dia, nego”.

Aí, quando foi um belo dia, o pai dela falô assim:

— Sabe, o dia que ele passá aqui e te cumprimentá falano “Bom dia, miró”, você responde “Bom dia, meu cravo”, e convida ele pra vim sentá aqui com você e me chama, que eu quero insiná ele.

Assim ela fez. O nego lá ia passano, o nego lá ia passano, aí, quando ele falô “Bom dia, mi'ró”, ela foi e respondeu:

— Bom dia, meu cravo. Vem chegá pra cá; vem sentá aqui comigo...

Aí ele foi. Sentô lá cum ela, aí ela foi e chamô o pai dela:

— Ó, o nego tá aqui, pai.

Aí, quando o pai dela chega, fala assim:

— Bom dia, nego.

Ele assim:

— Bom dia, sinhô.

Intão você qué mes' casá co' a mia fia, né nego?

— Eu pretendo casá co' ela. (risos)

Aí foi, falô:

— Tá certo.

Era época de moage, eles tava moeno, e falô assim:

— Vamo, pega lá dois copos, minha fia; vão lá pra varanda do engenho pra gente tomá uma garapa.

Aí, certo. Foi lá, passô a mão nos dois copo e foi convidô o nego, e foi o rei co' a fia e o nego foi lá pa varanda do engenho. Chegô lá, o rei incheu um copo de garapa, deu pra filha dele e incheu oto e cumeçaro a tomá a garapa. E chamô o oto nego e falô assim:

— Olha, traz uns dois dos iscravo aí e fura a orelha desse nego, e tira aquele boi da manjarra e coloca ele lá no ingenho, e coloca ele pra ele moê, enchê o cocho — que o cocho tava vazio.

Assim eles fizeram: furaro a oreia do nego, tirô o boi lá da manjarra e colocô o negro, e chegô coro nele; foi bateno, bateno, obrigando ele a moê, até que incheu o cocho. O rei saiu e foi imhora com sua filha, e o negro ficô lá moeno. Quando o cocho incheu, eles tiraro ele da manjarra e o nego saiu e deitô lá no bagacero, e ficô triste chorano lá.

Aí, o nego saiu e foi imhora. Quando foi no oto dia, na hora de i po serviço, o nego passô

<sup>2</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de gravação com Francisco Lourenço Borges, em Turmalina, [1988], por Reinaldo Martiniano Marques.

junto co' os otos de frente o palácio, mas já passô calado; num quis cumprimentá a moça.

Aí, e o rei tinha insinado pra ela:

— Se ele passá calado, você chama ele e bole com ele, comprimenta ele.

Assim ele fez; aí, passô calado. Quando já tava dano as costa pra ela, ela falô assim:

— Bom dia, meu cravo. Por que cê le vai passano calado? O quê que 'cunteceu?

Ele foi e virô pra ela, falô assim:

— Cê fala pro seu pai, que quem tem seus canavias grande, que previne de boi, que eu num sô boi não — e pronto. Terminô a estória.

## ANEXO 2: O SOLDADIN E O BITELA<sup>3</sup>

Não, tem oto e é tudo história de gen' valente tomém.

O oto valentão tomém. O oto valentão, então, e era sortêro, num era casado não, morava sozin. Mas o homi era valente mas num perdia uma função, só pa fazê, só pa fazê 'ruaça.

Antão, ele ia pa função, chegava per' da casa, ele tava no mato até tardão da noite. Tarde da noite, depois que o povo juntava tudo na fonção, ê chega, é o derradero que chegava. Chegava por ali, entava. Ele num gostava, cá por fora, ele num gostava de ficá não. É ficá lá da varanda pa cozinha.

Antonce ele ia mexeno ali mais aquele pessoal ali, num sei, ia ino, ia ino, mexeno e chegava numa artura, moça, ele increncava lá, ele increncava lá com um e punha o povo todo po mato. Ô, e num tinha jeito, num ficava ninguém den' da casa, curria tudo do homi. O homi ficava den' de casa sozin, mexia lá, andava lá, fazia o que ele quisesse lá den' da casa, num tinha ninguém, o povo tava tudo no mato. E ê cascava fora. Quando eles mantia o dia que ês chegava, nada e o homi já foi 'mbora.

Ma o homi furava os oto. Dava parte do homi, mas num tinha jeito. Antão mandava puliça buscá o homi, é, buscá o homi. Puliça ia, chegava lá na casa lá, ele pintava merda, puliça, batia ni puliça, furava puliça e puliça num podia co ele. Largav' ele pra lá. Chegava, falava cum delegado:

- Não, um homi daquele num tem jeito pra ele não, moço, ele, num dá pa pegá um homi daquele não!

Aí lá vai. Só tem léguas que ele num pidia mas só pra aquilo, só pra fazê 'ruaça na fonção. Ê morava sozin. Antão, foi ino, foi ino, foi ino, chegô numa artura, o homi foi no, chegô no dadô de papo, falô:

- Ó, fulano, tem uma função 'sim assim - que ele num podia pará onde tivesse um casamento e sabia que tinha fonção, ele num pirdia. Foi ele que fez uma 'ruaça lá, furô os oto e caso sério. Aí o fazen... o delegado falô:

- Ó, num picisa cês vim aqui dá parte não. O fazendero falô que tinha chegado um capitão de fora. O dadô de fato chegô e deu que o capitão tava na casa do... cunversano mais o delegado, falô, o capitão foi e falô, pois é, contô o dadô de fato contô o jeito que o homi é, falô:

- Não, pode dexá que hoje ele vai pegado. Ieu vô com dez pulícia que eu peg'ele, ele num vai pegado?

Ensinô mais ô meno a casa do homi.

- É em tal lugá 'sim assim. Ieu vô mais ocês que eu sei da casa dele.

Antão foi. Chegô perto da casa, ês dexô dá noite. Ês chegaro, ês chegaro e chamô ele. Chamô o homi, o hom respondeu lá dento. Aí falô:

- Abre essa porta aqui.

O hom té ficô sussegado lá, falô:

- Moço, abe a porta aqui.

Nada. Aí, quando chegô:

- Ô moço, mas eu já falei c'ocê pa abri a porta.

<sup>3</sup> Transcrição de Ana Elisa Ferreira Ribeiro a partir de gravação feita com Joaquim Soares Ramos, em Minas Novas, agosto de 1997, por Sônia Queiroz.

Falô:

- Ó, ieu abro a porta se eu quisé porque a casa é minha.

Aí o dele... o capitão deu um coice na porta, a porta caiu lá de banda de dentro e entrô o capitão entrô mais quatro puliça e os oto ficô pra fora tomano arredó da casa pa ele num saí.

Andô a casa toda cum lâmpa, ispiô aquês quarto todo, olhô, num tinha ninguém, num tinha nada, num tinha ninguém lá den' da casa e o hom tava lá. Ma desapareceu na vista deles. É por fora num saiu que as puliça tava a roda da casa. Andô tudo, olhô, nada. Aí disinganaro. O capitão vortô com as puliça pa trás e chegô e falô po delegado, falô:

- Ó, aquele homi num tem jeito p' ele não. Num tem não puquê nós chegô, ele tava lá na casa, eu chamei e ele respondeu. Eu falei com ele pa vim abri a porta. Ele nunca mais, nunca mais. Quand' eu tornei falá com ele, ele falô abria se ele quisesse que a casa era dele. Eu dei um coice na porta e pus a porta no chão e entrei pa dento com quato puliça e os ota puliça ficô ao redó da casa pegá ele. Lá no oiei a casa toda lá, num tinha ninguém den' de casa - falô - num picisa d'ocês incomodá com aquel' hom não que ele num tem jeito pra ele não.

Andô. Passô. Aí, passô uns dia um pôco, tá o dadô de fato chegano tra vez. O hom já tinha feito ota sujera. Chegô, aí o delagado falô com o dadô de fato, falô:

- Não, num picisa não. Ó, num vem me dá parte daquele hom aqui mais não, num picisa, num tem, ele num tem jeito pra ele não.

E tinha um sordado de farda, de fora, tava de distacamento naquela cidade e o soldadinho assuntô aquele caso e o soldadin falô:

- Ó, ieu pego ele - falô - ieu peg' ele.

Aí o dadô de fato pegô, tornô contá de novo, ota vez. Ê falô:

- Não, moço, aí, num dá pra mim pegá ele não. Ieu só garanto que um de nós fica deitado no chão lá. Ô ieu ô iele fica deitado.

- Pois é, tal dia 'sim assim tem um casamento e ele num perde, ele vai na fonção.

Falô:

- Pois é, um vem cá me buscá. Ieu aqui num cunheço, sô novato aqui, cheguei p' aqui agora. Tô aqui. Vem um aqui me buscá.

Antão, quan' pegô, falô po delegado, falô:

- Ó, ieu vô querê umas duas qualidade de arma lá.

Aí, quando foi na véspera, que o casamento era amanhã, hoje o sordadin foi lá na casa de delegado, falô:

- Ó, agora nós vão lá na delegacia pa mim isculhê.

Antão, foi, chegô lá, falô, delegado falô:

- Escolhe aí qualé das arma que cê qué.

Foi, escolheu uma Masa e um punhal, falô:

- Ó, num picisa mais nada. Só com essas duas arma aqui um de nós mata o oto. Ô ieu mat' ele, ô ele me mata.

Antão, vortô pa trás. Vortô. No oto dia cedo vinha o próprio que vinha buscá ele chegô com dois animal, montado num com o oto de arriado. Sordadin montô e ês fôru imhora. Passado po casamento no camin', chegô lá na casa do casamento, viu mas aquilo, o soldadin chegô lá. Mas o dono da casa foi mês que chegado Deus, Nosso Sinhô do céu. É cum a mão pru baxo e outra pru

cima com tal de soldadin, ó. Vei umas moça, tal, e o soldadin ficô ‘cordadin ali. E quan’ foi já de tarde, o soldadin falô com as moça assim:

- Ó, quan’ dá a noite e quando o casamento chegá, uma d’ocês senta mais eu e num sai não que é hora que ele chegá, que ele vê ocê sentada mais eu.

O delegado falô se ele num... se ele:

- Cê vai de paisana, num vai de fardado não que ele num pode vê puliça não.

Falô:

- Não, ieu vô co minha farda. É o boné. E eu num vô tirá não. Eu...

Assim o sordadin falô com a moça:

- Olha, fala que a hora que cumeçá dançá, ê vem de lá chamá ocê qu’ é de picardia. Ocê vai e dança mais ele e hora que ele, que pará a dança, ocê vorta e torna sentá mais eu.

- Ah, sim.

Então, chegô no casamento, chegô, tratô do povo todo, e o povo tá brincano e bem tarde da noite ele chegô. Um massa d’um negrão entrano pa casa adento. Óia aqui, óia ali, entrô lá na varanda, sordadin tá sentado lá num canto lá mais a moça lá. Ê olha aqui, óia ali. Quando ele olhô, ele viu o boné lá do sordado e viu que tinha puliça lá. Ê foi e sentô numa mesa lá, sentô numa mesa assim aonde ele inxergava lá o sordadin. Ê tá sentado assim, cunversano mais os oto, vez em quando ele passava os olho lá no sordado e sordado tá oiano cosentino ele por baxo do boné.

A moça tá aí sentada mais o sordado, ele cunversano. Aí, quando tocô a primera moda, ele foi lá, falô:

- Vamo dançá?

A moça - sordadin já tinha falado que quando chamá ocê, cê vai, e hora que pará a dança, cê torna vortá e senta mais eu. Assim foi. Dançô e dançô lá a moda, mais a ota e tal e quan’ parô a moda, a moça vortô e sentô lá mais o sordadin, ele sentô no memo lugá.

Quando tornô tocá outra vez, ele tornô i lá. Chamô a moça, a moça vei, dançô aí já dançô mais a moça por picardia, pisano no pé da moça, pintano a merda. Aí, a moça, quando parô a dança, a moça chegô lá e falô po sordadin, falô:

- Ó, eu num vô dança mais ele mais não. A primera vez ele dançô comigo muito bem, agora ele dançô comigo foi de picardia, pisano no meu pé, me machucano meu pé todo. E eu num vô dançá, eu...

Falô:

- Não, hora que ê vié, hora que ê falá, ocê num vai.

Andô. Quan’ tocô a ota moda, ele foi lá. Falô c’a moça, a moça tá chorá, falô:

- Ieu num vô dançá mai ocê não que a primera vez ocê dançô muito bem cumigo, mas a segunda vez ocê já dançô cumigo de picardia, pisano no meu pé, pintano a merda, num vô não, de jeito ninhum.

Falô:

- Ah se ocê vai! Cê num tem querê!

Aí o soldadin falô:

- Ah, ela num vai não.

Falô:

- O que qu’ ocê é dela?



Falô:

- Eu num sô nada dela mas ela num vai - aí falô - pois é, ah, pois então quam vai no lugá dela antonce é ieu! Aí ieu vô dançá mais ocê antão no lugá dela.

Aí o negão ‘rancô um punhal e o soldadin levantô tamém, ‘rancô um punhal e ês dois trançô den’ dessa varanda. Punhal daqui, punhal d’aculá e o povo foi passano naquela janela, caíno de banda de fora, passano nas porta e dali a um mucadin só tinha ês dois só den’ da casa. Mas já tá tudo no mato já. E ês dois ta trançano no punhal, vai lá, leva com daqui lá, vorta e ês dois trançado no punhal. Chegô numa artura, o soldadin levô lá assim quando o bichão que ê troxe, o soldadin de ponta assim na jinela assim, soldadin empurrô assim, ê caiu de fora com o punhal, caiu de banda de fora e o bichão pulô assim e caiu em cima dele, ele levô o punhal assim, foi meso que levá num cristal. Nada! Num entrô nada! E era tempo das água num dá. Via só aguia quebrada na mesa, ês trançano no punhal, ia lá, vortava aqui, ia lá, vortava. Chegô numa artura, soldadin levô ele assim, quand’ele equilibrô lá, ele soltô, soldadin subiu assim numa cerca assim de costa assim e caiu assim den’ d’um curráli e o bitelo caiu em cima e ele levô o punhal. Ele levô o punhal, cumeçô furá e aí o bitelo falô:

- Ê diabo, olha que ocê me mata.

Ele falô:

- Fica ocê me mata - o soldadin já tinha mitido a mão, já tinha ‘rancado a Masa, deu um tiro. Deu um tiro, ê caiu pra lá ‘sim e o soldadin saiu, sentô como daqui lá e o bichão ficô ‘li roncano. Foi roncano, roncano, roncano até que ‘cabô de morrê e o soldadin tá lá sentado discansano.

Aí, quando cumeçô mais gen’ chegano de ponta de pé, com medo ‘sim, tal, soldadin falô:

- Não, pode chegá. Pode chegá que o homi tá deitad’ aqui no chão discansano.

Aí ês foi chegano. Foi chegano e o bitelão tá morto lá ca língua d’um lado, que ê morreu cansado. Aí ele mandô na cidade. Mandô na cidade. Vei quase metade do povo da cidade pa cunhecê o hom que num cunhicia ele, que ele num ia na cidade. Aó mostrô soldadin. Aí passô ele:

- Aí, vô falá, passá posto. Agora cê é sargento. Cê já num é sordado raso mais não.

Suspendeu do soldadin e ês ficô live. Mas o sordadin que sabiam a incantaria, o hom sabia, o soldadin, quand’ ele falô no dadô de fato voltano, ele assuntano, ê já sabia qualé a incantaria do hom.

Cumé que o capitão, cum dez puliça, num pode arrumá ele e o soldadin sozin cunsumiu ele?

### ANEXO 3: HISTÓRIA DA CRISE<sup>4</sup>

Eu mesmo tem u'a piada que a gente sabe de um, de um moço, a gente, sei d'ua piada d'um moço que tava num tempo du'a crise, igual nós tá nessa era de hoje, dessa seca, né? O cara saiu procurano um serviço, falô: – Vê caçá o distino. – A sorte do cara diz que fica no dedo grande do pé, né? Intão o cara saiu caçano o distino. Chegô na frente, topô um moço arrancano toco, e perguntô pra ele:

– Ô moço, que que cê tá fazeno?

– Tô aqui, tô arrancano toco. Nesse tempo a crise tá dimais, o serviço é poco, num acha serviço, tô 'rancano toco...

– Cumé que cê chama?

– Chamo 'Ranca-Toco.

– Ah, vamo comigo!

Aí, siguiu a viagem. Chegô mais na frente, topô um moço com uvido no chão.

– Ô moço, que que cê tá fazeno aí?

– Tô iscutano u'a missa em Romas.

– Po que que cê tá fa... po que cê tá fazeno isso aqui?

– Ah, nesse tempo o serviço é poco, ninguém acha serviço, intão tô ovino u'a missa em Romas.

Aí:

– Cumé que cê chama?

– Chamo Bom-Adivinhão.

– Vamo cumigo.

Aí siguiu:

– Vão caçá serviço cumigo.

Siguiu à frente. Chegô mais na frente, topô o cara cumeno pedra.

– Ô moço, cê tá fazeno aí dibaxo dessa pedra?

– Tô cumeno u'as pedra aqui, nesse tempo, a crise tá dimais, nessa seca, intão a gente num acha aonde se, se mantê, a dispesa pra gente cumê, que eu como muito.

– Cumé que cê chama?

– Chamo, eu chamo Come, Engole-Pedra.

Aí então:

– Vão cumigo.

Aí chegô mais na frente, topô um oco moço co' a ispingardinha atirano, apontano po lado de Grão Mogó, naquela serra, sabe?

– Que cê tá fazeno?

– Ah! Tô dano um tiro lá naquela serra, nesse tempo, ninguém acha nada que matá, intão eu vô, tô atirano naquela serra, vê se mato u'a onça tá atrás daquela serra. Aí ele oiô assim:

– Matá u'a onça?

Falô:

– É.

Aí então ele atirô, matô a onça. Aí chegô mais na frente, falô:

– Mas quem vai buská essa onça, gente? Nós num acha quem busca ela.

Chegô mais na frente, topô o cara, piado, co'u'as peia de ferro. Falô pra ele assim:

– Ô moço, o que, o que que cê tá fazeno aqui?

– Ói, eu tô aqui piado, que se me dispiá eu vô em Romas num, num, num sigundo e vorto.

<sup>4</sup> Transcrição de Rogério Machado Caetano a partir de narrativa oral contada por Onofre Cordeiro de Azevedo, em Turmalina, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques.

Eu, ‘sim, eu tô piado, puque pa andá muito nesse tempo, a crise tá dimais, num dá pra gente andá dimais não.

[– Piado é preso, né?<sup>5</sup>

Pre...piado das duas perna.<sup>6</sup>] Aí ele, ele falô:

– Ó, intão vão cumigo. Ah, mas nós tá com u’a car..., nós matô u’a onça e num tem quem busca ela pra nós...

Falô:

– Aonde que ela tá?

Falô:

– Tá lá naquela quina daquela pedra lá.

E o cara pegô dipressa, foi lá, buscô a onça na cacunda, jugô na cacunda, levô o ‘Ranca-Toco cum, cum ele, jugô a onça na cacunda e troxe imhora. Aí, foi a cumida qu’ês cumero durante a viage deles.

Aí eles pegô, chegô num lugar, tinha u’a tarefa nu’a fazenda, quem fizesse treis mandato na fazenda ficaria rico, e se não fizesse, era degolado, era morto. Aí ele falô:

– Qualé o... qualé, o que que é pra fazê?

O moço, o faz..., o rei falô assim:

– Ó, quem cortá aquela peroba cum trinta minuto, eu dô a parte da minha riqueza. E se não cortá é degolado.

Aí ele falô:

– Ó. – o ‘Ranca-Toco ficô de lado, falô:

– Ó, manda aí.

Ele, o faz..., o, o cara, o moço que invinha co’ele falô:

– Ó, vão lá cumigo. Vão lá cortá a peroba.

Deu duas machadada no pau, já tinha meiado a metade da maderá. Aí o rei falô assim:

– Ó, vamo em casa, vamo em casa, nós vão tomá um café, depois cê volta cortá o pau.

Quando ele chegô lá, o pau já tinha aumentado oto dobro. Ele tinha u’a feiticera, que infeitiçô aquilo lá, aumentô oto dobro. Aí o ‘Ranca-Toco deu u’a machadada de lá, deu ota de cá, dirrubô, separô as duas tora, dento de pocos minuto, falô:

– Cê qué que ‘ranca a raiz?

‘Rancô a raiz, tombô pro lado de lá. Era o ‘Ranca-Toco.

Aí, ele siguiu pa frente. Mais dipressa, falô:

– Ó, tem oto mandato. Um cê fez, quero vê cês fazê o oto. Minha nega vai em Romas cum meia hora e... buscá u’a garrafa d’água. Quero vê se vocês vai.

E pensô assim, falô:

– Ó, vô sigui em frente. Vai você lá, Bom-Corredô.

O Bom-Corredô falô ‘sim:

– Tira a peia!

Falô:

– Não, pricisa tirá não, que eu vô lá.

Dexô a muié saí, quando é, quando a nega dele saiu, cum dez minuto que tava fartano pa meia hora, cum vinte minuto que a nega saiu, ele saiu. Quando ele chegô lá, que ele pegô a garrafa d’água, que lá ia saíno, topô com ela no caminho, passô por ela, ela falô:

– Ó, perai! Ispera ‘i que eu tenho um coisa pa te dá. – Pegô a ‘liança, colocô no dedo dele, ele durmiu. Quando ele acordô... ele durmiu, o Adivinhão pensô, o cara falô:

– Ó, nós tão morto.

5 Intervenção do pesquisador.

6 Resposta do contador à pergunta do pesquisador.

Aí o Adivinhão perguntô, o oto perguntô:

– Por quê?

– A nega colocô u'a 'liança no dedo do Bom-Corredô e ele tá morto na istrada. Tá, tá 'terrorizado na istrada.

Aí, o Bom-Atiradô falô:

– Ne qualé o dedo que ela tá?

Levô a ispingardinha, pá! Quebrô a 'liança, dispiô dipressa, vei' cá, buscô ota garrafa, foi lá em Romas, buscô ota garrafa d'água, chegô primero do que a nega. Aí ele falô:

– A coisa agora tá danada. Dois cês fizeram, ma' os treis cês num faz.

Mais que dipressa ele falô:

– Ó, minha nega come um boi, de u'a vez. Quero vê qual docês que vai cumê.

Aí o Come-Pedra ficô todo...

– Puxa vida, co' essa crise que nós tá nela, nessa seca, né?, como que nós vão fazê pa cumê um boi? Eu... num... nunca achei nada pa cumê pa enchê...

Mais que dipressa, falô:

– Ó, mata aques boi.

Aí o... Engole-Pedra falô assim:

– Mata aquele de lá pra mim!

Mandô o patrão dele mandasse matá o maió pra ele. Aí, mais dipressa, a nega cumeçô, falô:

– Pode i cumeno. Quando ele tava fartano a metade do boi pa cumê, o Engole-Pedra cumeçô, cumeu o boi dele todo, foi na metade do boi da nega, cumeu, a nega falô:

– Cê perdeu a aposta, cê cumeu meu boi.

Ele pegô, falô:

– Será que eu perdi mesmo?

– Perdeu.

Intão foi na nega, cumeu tamém, o rei falô:

– Cê perdeu a aposta, cê cumeu minha nega.

Falô:

– Ô nei... Rei, agora cumi a nega, agora vô cumê é ocê.

Abriu a boca, taman da boca, falô:

– Agora vem você, seu Rei.

O rei falô:

– Pode fechá a boca. Por inquanto tá, tá terminada a história. Fecha a boca, num precisa me cumê não. A metade das coisa é docês. Aí terminô.

## 7) REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Inês de.; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- ANTUNES, Carolina.; FERRAZ, Aderlande Pereira. **Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha - Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico. O que é como se faz**. 50. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática da Língua Portuguesa**. 37ª Ed. Editora Nova Fronteira e Lucerna, Rio de Janeiro: 2009.
- BENVENISTE, Emile. **O homem na linguagem**. Lisboa: Arcádia, 1976.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2014.
- CASTILLHO, A. T de. A língua falada no ensino de português. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2001, 158p
- CAMACHO, Roberto Gomes, in. MUSSALIN, Fernanda.; BENTES, Anna Christina (org). **Introdução à linguística: domínios de fronteira**. 8º edição. São Paulo: editora Cortez, 2008.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Nova minigramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- GASPARIN, João Luiz. Avaliação na perspectiva histórico-crítica. In: **X Congresso nacional de educação – EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. 2011, Curitiba, disponível em <https://docplayer.com.br/47650939-Avaliacao-na-perspectiva-historico-critica.html>, acessado em 10 de nov. 2022.
- MARQUES, Reinaldo Martiniano; RIBEIRO, Carolina. **7 histórias de encanto e magia (CD) PROGRAMA POLO DE INTEGRAÇÃO DA UFMG NO VALE DO JEQUITINHONHA; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**. 7 histórias de encanto e magia. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. Disponível em <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/a-educacao-para-alem-do-capital-istvan-meszaros.pdf/view>, acessado em 15 de out. 2022.

Plano de desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha / Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte, 2017, v. II. Disponível em [http://sii.fjp.mg.gov.br/04\\_Volume2.pdf](http://sii.fjp.mg.gov.br/04_Volume2.pdf), acessado em 19 de nov. 2022.

QUEIROZ, Sônia; CAMPOS, Aída; CARVALHO, Gilberto; RIBAS, Rodrigo. **7 histórias de encanto e magia**. PROGRAMA POLO DE INTEGRAÇÃO DA UFMG NO VALE DO JEQUITINHONHA, Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SAVIANI, D. Marxismo e pedagogia. In: **Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo (EBEM)**, III, 2007b, Salvador: Bahia, disponível em <https://docplayer.com.br/8983231-Iii-ebem-iii-encontro-brasileiro-de-educacao-e-marxismo.html> acessado 11 de nov. 2022.

SAVIANI, D. **A Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012. SILVA, Edila Viana da. **A pesquisa sociolinguística**. A teoria da Variação. Revista ABRAFIL. Ano IX, nº IX, Rio de Janeiro, 2011, disponível em <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/049.pdf>, acessado em 07 de dez. 2022.

SILVA, M.B. da. A escola, a gramática e a norma. In: BAGNO, M.(org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 253-265.

SOUSA, Josiley. **Negros pelo Vale**. 3ª Ed. revista e ampliada. FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2014, disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2020/12/negrospelovale3.pdf>, acessado em 04 ago. de 2022.

SOUZA, Josiley Francisco. **Pedro Braga**. Uma voz no Vau. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2009, disponível em, [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6M3N6K/1/disserta\\_ajosiley.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6M3N6K/1/disserta_ajosiley.pdf), acessado em 03 de ago. 2022.

SOUSA, Josiley Francisco. **Do canto da voz ao Batuque da Letra**. A presença Africana em narrativas orais inscritas no Brasil. Faculdade de Letras / UFMG, Belo Horizonte, 2012, p. 84.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William, et all. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.

VIGOTSKI, L. S. LEONTIEV, A. N, et all. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2017, 15 ed.. 103-117.